

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

[Cod. Trabalho: 381] XLVI CONGRESSO DA SOBER, RIO BRANCO (AC)

## **APRESENTAÇÃO ORAL**

Desenvolvimento Rural, Territorial e Regional

### **DIFERENÇAS ESTRUTURAIS E ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL DAS EXPORTAÇÕES DA AGRICULTURA PAULISTA EM RELAÇÃO ÀS DEMAIS UNIDADES DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA NO PERÍODO 1997-2007.**

**SUELI ALVES MOREIRA SOUZA; JOSÉ SIDNEI GONÇALVES.  
IEA-APTA-SAA, SÃO PAULO - SP - BRASIL.****Grupo de Pesquisa:** Desenvolvimento Rural, Territorial e Regional.

#### **Resumo**

O trabalho mostra a especialização regional como um dos elementos determinantes das diferenças estruturais existentes entre a agricultura paulista e a das demais unidades da federação brasileira. Enquanto São Paulo tem como principal grupo de mercadorias exportadas os produzidos na agroindústria sucroalcooleira, nas demais unidades da federação prevalecem os grãos e fibras, com destaque para a soja. Essa diferenciação revela que também as políticas comerciais e de construção das logísticas devem ter em conta as territorialidades distintas encontradas na agricultura brasileira.

**Palavras-chaves:** **diferenças estruturais, exportações, agricultura territorial, especialização regional**

#### **Abstract**

This article shows the regional specialization as one of the determinant elements of the existing structural differences between the São Paulo State's agriculture and the other Brazilian Federation state's agriculture. São Paulo has as main group of goods exported the ones originated in sugar cane agriculture and processing, in the other states the most important are grains and fibers, highlighting soybean. This difference reveals that commercial policies and the logistic settlement construction has to take into account the differing territorial found in the Brazilian agriculture.

**Key Words:** **structural differences, exports, territorial agriculture, regional specialization**

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

## **DIFERENÇAS ESTRUTURAIS E ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL DAS EXPORTAÇÕES DA AGRICULTURA PAULISTA EM RELAÇÃO ÀS DEMAIS UNIDADES DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA NO PERÍODO 1997-2007.**

**Grupo de Pesquisa:** Desenvolvimento Rural, Territorial e Regional.

### **Resumo**

O trabalho mostra a especialização regional como um dos elementos determinantes das diferenças estruturais existentes entre a agricultura paulista e a das demais unidades da federação brasileira. Enquanto São Paulo tem como principal grupo de mercadorias exportadas os produzidos na agroindústria sucroalcooleira, nas demais unidades da federação prevalecem os grãos e fibras, com destaque para a soja. Essa diferenciação revela que também as políticas comerciais e de construção das logísticas devem ter em conta as territorialidades distintas encontradas na agricultura brasileira.

**Palavras-chaves:** diferenças estruturais, exportações, agricultura territorial, especialização regional

### **Abstract**

This article shows the regional specialization as one of the determinant elements of the existing structural differences between the São Paulo State's agriculture and the other Brazilian Federation state's agriculture. São Paulo has as main group of goods exported the ones originated in sugar cane agriculture and processing, in the other states the most important are grains and fibers, highlighting soybean. This difference reveals that commercial policies and the logistic settlement construction has to take into account the differing territorial found in the Brazilian agriculture.

**Key Words:** structural differences, exports, territorial agriculture, regional specialization

## **1. INTRODUÇÃO**

A agricultura brasileira transformou-se nas últimas décadas numa realidade em que a fronteira de expansão agropecuária, após o esgotamento das possibilidades em terras paulistas e das unidades da federação sulistas, para os cerrados do Brasil Central. Esse movimento associado à histórica inserção setorial no mercado internacional, tendo em vista que já nasceu com essa peculiaridade (FURTADO, 1989), deu-se de forma concomitante com o aprofundamento do processo de industrialização setorial (GONÇALVES, 2005a), como resultante do esforço de internalizar o padrão produtivo da denominada 2ª Revolução Industrial (CANO, 1993).

A agricultura industrializada tem a especialização regional como característica marcante. Isso porque a construção da agroindústria – e também da moderna logística de comercialização, armazenamento e transporte de produtos básicos - implica na determinação da ocupação do entorno (GONÇALVES, 2005 b). Trata-se de obter ganhos em escala com o que não apenas os tamanhos das lavouras se ampliam com a



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



intensificação da mecanização do processo produtivo - que nos anos 1970 havia se limitado ao preparo do solo e plantio e dos anos 1990 em diante atinge a colheita completando o processo (STADUTO, SIKIDA & BACHA, 2004)-, como também pela ampliação da capacidade das plantas processadoras – na cana para indústria, por exemplo, de usinas com capacidade de moagem de 500 mil toneladas de cana tem-se hoje algumas que moem mais de 4,0 milhões de toneladas anuais-.

Esses dois movimentos – de maiores tamanhos de lavouras e de plantas agroindustriais-, necessariamente, implicam em que vastas áreas do entorno dessas unidades de processamento (e/ou beneficiamento), ocorra um intenso processo de especialização produtiva. Como esse movimento acaba por determinar similar movimento em todo o espectro da agricultura regional, forma-se a especialização regional como uma característica inerente ao padrão agrário em expansão (GONÇALVES et al 2006). Aliás, a concentração regional já havia sido detectada como um dos condicionantes da produtividade da pesquisa agropecuária brasileira (PASTORE et al, 1986), ou seja, um elemento fundamental do processo de inovação setorial.

Na agropecuária paulista esse movimento de especialização regional se mostra nítido com a produção de cana para indústria que da origem no eixo Campinas-Ribeirão Preto desloca-se sentido oeste na trilha das áreas lindeiras do Reio Tietê, o feijão se localizou no Sudoeste Paulista, a banana no Vale do Ribeira, as lavouras florestais (pinus e eucaliptus) nos contrafortes da Serra de Paranapiacaba, a laranja primeiramente em Bebedouro e mais recentemente no eixo da Rodovia Castelo Branco .... Enfim, na agropecuária paulista a especialização regional constitui-se numa marca da estrutura setorial (OJIMA & GONÇALVES, 2006). Para os grandes grupos de mercadorias esse fenômeno conforma especificidades a toda agricultura brasileira, formando dinâmicas setoriais peculiares em função das distintas inserções no mercado interno e externo.

Dada a relevância mercado internacional para os movimentos da agricultura brasileira, este trabalho busca caracterizar a especialização regional analisando a evolução das exportações da agricultura brasileira, particularizando as da agricultura paulista com o intuito de mostrar as diferenças em termos de especialização entre ela e a das demais unidades da federação brasileira, forjando peculiaridades estruturais e territoriais.

Também diferenciando a agricultura paulista da das demais unidades da federação brasileira, será destacada uma dessas particularidades do novo padrão agrário que consiste na logística especializada de agrosserviços financeiros e transacionais concentrada nos grandes centros metropolitanos operando negócios de mercadorias produzidas em várias origens. Para tais análises, será utilizada a base empírica de informações da balança comercial nacional e setorial, sistematizadas pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), cujos procedimentos metodológicos estão descritos em VICENTE et al (2001).

## 2. EXPORTAÇÕES DOS PRINCIPAIS GRUPOS DE MERCADORIAIS

As exportações da agricultura segundo os principais grupos de mercadorias, para o período 1997-2007, mostram nas cinco primeiras posições a liderança dos

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

cereais/leguminosas/oleaginosas cujas vendas externas cresceram de US\$ 6,12 bilhões em 1997 para US\$ 13,92 bilhões em 2007. Em posição seguinte estão os produtos florestais (aumento de US\$ 3,79 bilhões para US\$ 9,13 bilhões), os bovídeos –carnes, couro e leite de bovinos e bubalinos - (de US\$ 2,66 bilhões para US\$ 9,05 bilhões), cana e sacarídeas –açúcar e álcool- (US\$ 1,84 bilhões para US\$ 6,60 bilhões) e, suínos e aves –carne de frango- (de US\$ 1,11 bilhões para US\$ 6,32 bilhões) (**Tabela 1**).

Desses grupos de produtos, apenas merece destaque o fato de que a cana e sacarídeas perderam US\$ 1,20 bilhão quando se compara o ano de 2007 com o de 2006, como resultado da menor geração de divisas com a venda de açúcar (-US\$ 1,07 bilhão.) e de álcool (- US\$ 124,18 milhões ). Em contrapartida, os cereais/leguminosas/oleaginosas tiveram incremento de US\$ 3,65 bilhões, como resultado do aumento das exportações de soja (+ US\$ 1,59 bilhão.) e do milho (+ US\$ 1,45 bilhão) (**GONÇALVES, VICENTE & SOUZA, 2008**). Trata-se de comportamento invertido quando se comparam as mudanças de 2005 para 2006, com 2006 para 2007, o que acaba expressando situações regionais diferenciadas, face à especialização produtiva.

Três considerações devem a respeito desses indicadores. A primeira diz respeito ao aspecto da distribuição regional uma vez que a cana e sacarídeas consistem em produtos predominantemente oriundos da agricultura paulista e os preços internacionais tanto do álcool como do açúcar caíram na comparação desses dois anos reduzindo o valor das vendas externas e, nos cereais/leguminosas/oleaginosas a produção se dá em outras unidades da federação, e principalmente os preços internacionais do milho e da soja tiveram significativo aumento de 2006 para 2007, elevando as receitas cambiais obtidas.

A segunda está no campo da discussão dos biocombustíveis, uma vez que a opção norte-americana para a produção de etanol a partir do milho influenciou decisivamente os preços internacionais não apenas do milho como da soja, uma vez que numa realidade de compras crescentes em especial da China, houve ampliação do plantio de milho em área antes usada para soja na agricultura norte-americana.

A terceira corresponde à discussão do impacto da produção dos biocombustíveis sobre a produção e os preços dos alimentos, uma vez que maiores preços internacionais de milho desde logo torna mais cara a comida de populações que têm dieta à base de milho como na América Central e, também impacta a produção brasileira, em especial de feijão, uma vez que não apenas o milho corresponde à segunda cultura da maioria dos produtores de feijão como também, nesses mesmos espaços, a soja é uma lavoura concorrente por terra. Em poucas palavras, no tocante aos biocombustíveis, se configura um exagero prognosticar a falta de alimentos em função da expansão canieira, conforma-se como uma constatação que a política norte-americana de produção de etanol a partir de milho, num primeiro momento, já impactou negativamente a produção de alimentos e os tornou mais caros.

As exportações da agricultura brasileira vêm sofrendo uma relevante concentração de sua pauta nos últimos dez anos, uma vez que os cinco principais grupos de mercadorias, quem em 1997 totalizavam US\$ 15,54 bilhões em divisa geradas, representando 62,19%, no ano de 2007 somavam US\$ 45,02 bilhões, que correspondiam a 72,81% das exportações nacionais(**Tabela 1**).

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural**Tabela 1. Exportações por Grupo de Mercadorias, Brasil, 1997 a 2007.**

Grupo de Mercadorias	(US\$milhões FOB)										
	1.997	1.998	1.999	2.000	2.001	2.002	2.003	2.004	2.005	2.006	2.007
Cereais/leg./oleaginosas	6.121	4.995	4.035	4.437	6.070	6.482	8.758	11.210	10.046	10.269	13.919
produtos florestais	3.789	3.632	4.120	4.655	4.272	4.470	5.698	6.971	7.502	8.191	9.126
bovídeos - bovinos	2.664	2.552	2.648	3.029	3.448	3.546	4.138	5.587	6.364	7.690	9.049
cana e sacarídeas	1.839	1.990	1.988	1.247	2.386	2.286	2.326	3.163	4.712	7.798	6.605
suínos e aves	1.111	986	1.087	1.103	1.834	1.997	2.526	3.620	4.981	4.554	6.324
café e estimulantes	3.362	2.856	2.659	1.985	1.630	1.619	1.890	2.402	3.348	3.765	4.302
Frutas	1.426	1.644	1.660	1.507	1.275	1.527	1.843	1.820	1.961	2.380	3.431
bens de capital / insumos	1.093	1.050	728	732	773	853	1.315	1.923	2.097	1.963	2.327
Fumo	1.665	1.559	961	841	944	1.008	1.090	1.426	1.707	1.752	2.262
agronegócios especiais	595	602	644	843	814	806	921	1.096	1.219	1.418	2.006
Têxteis	1.058	920	826	1.013	1.133	993	1.365	1.703	1.796	1.674	1.912
Pescado	130	126	141	241	287	346	422	430	407	373	317
Olerícolas	101	126	153	131	126	113	112	129	129	146	216
flores e ornamentais	13	14	15	13	15	16	21	27	30	34	40
<b>AGRICULTURA</b>	<b>24.964</b>	<b>23.052</b>	<b>21.665</b>	<b>21.779</b>	<b>25.007</b>	<b>26.064</b>	<b>32.427</b>	<b>41.509</b>	<b>46.297</b>	<b>52.006</b>	<b>61.837</b>

**Fonte: IEA/APTA/SAA-SP, a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC**



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



Essa concentração da pauta de exportação implica na redução dos graus de liberdade na gestão das políticas públicas, uma vez que dada a dependência da dinâmica dessas agriculturas do desempenho exportador e dos preços internacionais, uma crise nesse campo pode redundar em problemas internos de difícil gerenciamento dada as restrições de recursos públicos frente à magnitude os valores envolvidos nos negócios com esses produtos.

Em termos de crescimento das vendas externas no período 1997-2007, os mais expressivos foram suínos e aves (+ 469,22%), cana e sacarídeas (+ 259,16%), bovídeos (+ 239,69%), agronegócios especiais (+237,14%) e flores e plantas ornamentais (+207,69%), todos com índices mais expressivos que a média setorial (+147,70%). Em destaque, o fato que nos três grupos de maior expansão a pressão por terras se mostra relevante. Isso porque suínos e aves exigem mais soja e milho, o mesmo pode se dizer da cana e dos bovídeos – produção de carne a pasto-(**Tabela 1**).

Também merece ser ressaltado que no período 1997-2007, importantes grupos de mercadorias sofreram perda de posição no rol da pauta brasileira de exportações da agricultura. Esses são os casos do café e estimulantes –cafés e cacau- cujo incremento das vendas externas foi de 27,96% (o menor dentre os grupos destacados) e das frutas – sucos cítricos e frutas frescas - que mostraram aumento de 140,60%, portanto, abaixo da média setorial, além dos têxteis (+80,72%) e do fumo (+35,86%) (**Tabela 1**).

Na verificação do conteúdo regional das exportações da agricultura, destacando-se São Paulo têm-se como os cinco principais grupos de mercadorias o de cana e sacarídeas (aumento de US\$ 1,04 bilhão em 1997 para US\$ 4,57 bilhões em 2007); o de bovídeos ( de US\$ 0,67 bilhão para US\$ 3,16 bilhões); o de frutas ( de US\$ 1,07 bilhão para US\$ 2,35 bilhões); o de produtos florestais (de US\$ 1,00 bilhão para US\$ 1,75 bilhão) e o de ( de US\$ 0,30 bilhão para US\$ 0,82 bilhão). Conquanto todos tenham aumentado, há que se ressaltar que a cana e sacarídeas apresentou redução de 2006 (US\$ 5,65 bilhões) para 2007 (US\$ 4,57 bilhões). Nesse conjunto dos cinco principais grupos, a alteração mais significativa de posição foi das frutas – notadamente sucos cítricos-, que caiu da primeira para a terceira posição e dos bovídeos – principalmente carne bovina- que era o quinto produto e atingiu a segunda posição no curso dos últimos dez anos (**Tabela 2**).

As exportações da agricultura paulista que em 1997 tinham um grau de concentração similar ao da brasileira, na medida em que as vendas externas dos cinco principais grupos de produtos somavam US\$ 4,05 bilhões o que correspondia a 63,63% do total setorial, passaram por um processo de concentração mais intensa, pois os cinco principais grupos de produtos totalizaram exportações de US\$ 12,64 bilhões em 2007, ou seja, 81,62 % da somatória setorial (**Tabela 2**). Essa maior concentração da pauta de exportações da agricultura paulista (de menor amplitude espacial) em relação à brasileira (economia de território continental) configura-se num dos elementos indicadores da especialização regional, enquanto característica definidora do padrão agrário típico da 2ª Revolução Industrial, no qual a busca de ganhos em escala e da redução de custos de produção e de transação conforma a realidade da agricultura como um mosaico de agriculturas territoriais regionais especializadas.

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural**Tabela 2. Exportações por Grupo de Mercadorias, São Paulo, 1997 a 2007.**

Grupo de Mercadorias	(US\$milhões FOB)										
	1.997	1.998	1.999	2.000	2.001	2.002	2.003	2.004	2.005	2.006	2.007
cana e sacarídeas	1.038	1.244	1.386	797	1.590	1.571	1.524	2.150	3.247	5.646	4.567
bovídeos - bovinos	636	659	763	883	1.025	1.229	1.613	2.474	2.629	2.749	3.161
Frutas	1.074	1.307	1.276	1.072	926	1.093	1.286	1.156	1.199	1.565	2.351
Produtos florestais	1.001	983	987	993	933	863	1.098	1.189	1.412	1.551	1.745
agronegócios especiais	298	273	270	284	301	390	459	542	599	654	820
bens de capital / insumos	517	495	365	377	341	342	487	683	809	802	744
Cereais/leg./oleaginosas	555	401	385	377	468	482	466	844	622	592	705
café e estimulantes	699	432	464	353	245	214	263	400	533	568	602
suínos e aves	18	14	21	25	35	50	95	184	297	226	381
Têxteis	326	256	237	258	290	259	329	358	334	321	345
Olerícolas	19	22	26	22	22	20	16	19	17	19	29
flores e ornamentais	9	9	10	9	10	12	15	19	21	23	27
Pescado	7	8	7	7	9	9	12	15	22	18	13
Fumo	162	103	10	5	2	2	3	7	8	3	3
<b>AGRICULTURA</b>	<b>6.360</b>	<b>6.205</b>	<b>6.207</b>	<b>5.461</b>	<b>6.196</b>	<b>6.537</b>	<b>7.667</b>	<b>10.039</b>	<b>11.750</b>	<b>14.738</b>	<b>15.492</b>

**Fonte: IEA/APTA/SAA-SP, a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC**



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



Quanto ao incremento experimentado no período 1997-2007 nas exportações da agricultura paulista, os ganhos mais expressivos foram dos grupos de suínos e aves (+ 2016,67%); de bovídeos (+ 397,01%), de cana e sacarídeas (+ 339,98%), de flores e ornamentais (+200,00%) e de agronegócios especiais (+175,17%), todos com avanços superiores ao da média setorial (+143,58%). Verifique-se que relevantes segmentos exportadores paulistas tiveram no período desempenho inferior a média setorial, como o de frutas (+118,90%) e que o grupo de cereais/leguminosas/oleaginosas que consiste no principal da agricultura brasileira como um todo, em termos nacionais evoluiu em 127,40% e no contexto estadual muito menos (+27,03%). Segmentos tradicionais tiveram crescimentos pífios ou mostraram diminuição como os têxteis (+5,83%) e o de café e estimulantes (-13,88%) (**Tabela 2**).

Nas exportações da agricultura das demais unidades da federação, no período 1997-2007, os cinco principais grupos de mercadorias no tocante às exportações setoriais são os cereais/leguminosas/oleaginosas (que cresceram de US\$ 5,57 bilhões em 1977 para US\$ 13,21 bilhões em 2007), os produtos florestais (de US\$ 2,79 bilhões para US\$ 7,38 bilhões), de suínos e aves (de US\$ 1,09 bilhão para US\$ 5,94 bilhões), os bovídeos (de US\$ 2,03 bilhões para US\$ 5,89 bilhões), e o de café e estimulantes (de US\$ 2,66 bilhões para US\$ 3,70 bilhões) (**Tabela 3**). Trata-se de uma pauta oriunda de regiões de agriculturas territoriais especializadas, como os grãos dos cerrados – embora tenham expressão na agricultura paranaense e gaúcha-, os produtos florestais capixabas e baianos, os suínos e aves catarinenses –conquanto sejam relevantes notadamente no Paraná -, os bovinos matogrossenses e o café mineiro e capixaba em conjunto com o cacau baiano.

Em espaços territoriais amplos, como esperado os níveis de concentração são menores que os observados na agricultura paulista, uma vez que os cinco principais grupos de mercadorias, que em 1997 exportaram US\$ 14,14 bilhões que significavam 75,99% do total setorial regional, em 2007 totalizaram US\$ 36,13 bilhões, que corresponderam a 77,95 % do global (**Tabela 3**). Trata-se de nível de concentração, e por isso revela níveis de especialização das respectivas agriculturas, maiores que os da agricultura paulista (63,63% do total) no ponto de partida mas inferiores embora elevados no último ano (São Paulo atingiu 81,62 %). Isso configura uma realidade regional que já foi desenhada na sua origem enquanto agricultura especializada.

Os maiores incrementos das exportações da agricultura das outras unidades da federação no período 1997-2007 foram realizados nos suínos e aves (+443,73%), seguidos dos agronegócios especiais (+299,33%), das flores e ornamentais (+225,00%), das frutas (+206,82%), dos bovídeos (+190,34%), dos bens de capital / insumos (+174,83%), dos produtos florestais (+164,74%) e da cana e sacarídeas (+154,43%), todos com avanços superiores à média setorial (+149,11%). O pior desempenho ficou por conta do café e estimulantes (+38,94%) que engloba produtos tradicionais das exportações da agricultura brasileira (**Tabela 3**). A diferença do comportamento das frutas das demais unidades da federação, cujo incremento foi maior que o paulista (+118,90%) decorre de que aqui os principais componentes são as frutas frescas que tiveram maior espaço no mercado internacional, enquanto em São Paulo são os sucos cítricos que cresceram menos que a média setorial paulista.



**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural**Tabela 3. Exportações por Grupo de Mercadorias, Outras Unidades da Federação, 1997 a 2007.**

	(US\$ milhões FOB)										
<b>Grupo de Mercadorias</b>	<b>1.997</b>	<b>1.998</b>	<b>1.999</b>	<b>2.000</b>	<b>2.001</b>	<b>2.002</b>	<b>2.003</b>	<b>2.004</b>	<b>2.005</b>	<b>2.006</b>	<b>2.007</b>
cereais/leg./oleaginosas	5.566	4.594	3.650	4.060	5.602	6.000	8.292	10.366	9.424	9.677	13.214
Produtos florestais	2.788	2.649	3.133	3.662	3.339	3.607	4.600	5.782	6.090	6.640	7.381
suínos e aves	1.093	972	1.066	1.078	1.799	1.947	2.431	3.436	4.684	4.328	5.943
bovídeos - bovinos	2.028	1.893	1.885	2.146	2.423	2.317	2.525	3.113	3.735	4.941	5.888
café e estimulantes	2.663	2.424	2.195	1.632	1.385	1.405	1.627	2.002	2.815	3.197	3.700
Fumo	1.503	1.456	951	836	942	1.006	1.087	1.419	1.699	1.749	2.260
cana e sacarídeas	801	746	602	450	796	715	802	1.013	1.465	2.152	2.038
bens de capital / insumos	576	555	363	355	432	511	828	1.240	1.288	1.161	1.583
Têxteis	732	664	589	755	843	734	1.036	1.345	1.462	1.353	1.567
agronegócios especiais	297	329	374	559	513	416	462	554	620	764	1.186
Frutas	352	337	384	435	349	434	557	664	762	815	1.080
Pescado	123	118	134	234	278	337	410	415	385	355	304
Olerícolas	82	104	127	109	104	93	96	110	112	127	187
flores e ornamentais	4	5	5	4	5	4	6	8	9	11	13
<b>AGRICULTURA</b>	<b>18.604</b>	<b>16.847</b>	<b>15.458</b>	<b>16.318</b>	<b>18.811</b>	<b>19.527</b>	<b>24.760</b>	<b>31.470</b>	<b>34.547</b>	<b>37.268</b>	<b>46.345</b>

**Fonte: IEA/APTA/SAA-SP, a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC**

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

As principais participações da agricultura paulista nas exportações setoriais nacionais estão concentradas nos grupos de mercadorias de cana e sacarídeas (56,44% em 1997 e 69,14% em 2007), onde estão consideradas as vendas externas de açúcar e de álcool, na de frutas (75,32% e 68,52%) – que basicamente correspondem aos sucos cítricos-, e nas flores e ornamentais (69,23% e 66,75%), nos agronegócios especiais (50,08% e 40,87%) e nos bovídeos (23,87% e 34,93%) (**Tabela 4**). Ressalve-se que no caso dos bovídeos, quando verificadas as exportações de carne bovina a presença paulista se mostra mais elevada, sendo líder na venda de carnes processadas.

No tocante à evolução dessa participação, nota-se que em apenas 3 grupos de produtos, há crescimento da participação paulistas, quais sejam cana e sacarídeas (12,70 pontos percentuais adicionais indo de 56,44% para 69,14% , bovídeos (11,06 p.p.) e suínos e aves (4,4 p.p.). Na maioria dos grupos há queda da representatividade paulista, sendo as mais relevantes nos bens de capital/insumos (-15,33 p.p.), nos têxteis (-12,78 p.p.), no fumo (-9,62 p.p.), nos agronegócios especiais (-9,21 p.p), nos produtos florestais (-7,30 p.p), nas frutas (-6,80 p.p.), e no café e estimulantes (-6,80 p.p). Destaque-se que, no seu conjunto a agricultura paulista praticamente manteve sua participação nas exportações setoriais nacionais (de 25,48% em 1997 para 25,05% em 2007) (**Tabela 4**). Esses resultados configuram uma indicação de aprofundamento da especialização regional da agricultura paulista.

Interessante destacar que a agricultura brasileira internalizou o núcleo endógeno produtor de bens de capital, com o que passou a ter capacidade de resposta a impulsos expansivos –ainda que à custa de expansão da fronteira-. O Brasil é exportador de bens de capital, uma vez que da conta do grupo de mercadorias de bens de capital/insumos acima analisado e que em 2007 atingiu US\$ 2,33 bilhões em exportações, o montante de US\$ 1,79 bilhão corresponde a maquinaria e peças (76,73%). Dessa soma, a agricultura paulista contribuiu com US\$ 0,74 bilhão, dos quais US\$ 0,56 bilhão (75,79%) são maquinaria e peças (**GONÇALVES, VICENTE & SOUZA, 2008**). Noutras palavras, têm-se internalizado nas agriculturas paulista e brasileira, o fundamental do padrão agrário inerente à 2ª Revolução Industrial.

Outro indicador relevante para diferenciar as exportações da agricultura paulista da brasileira quanto ao perfil de agregação de valor diz respeito à participação distinta entre as carnes processadas e não processadas nas vendas externas. No recente episódio de detecção de foco de febre aftosa em Mato Grosso do Sul, o qual por razões de fronteira direta e de pecuárias lindeiras da mesma Bacia do Rio Paraná levou ao embargo da carne paulista, há uma distinção fundamental entre a carne processada que não foi embargada e a carne não processada que sofreu essa restrição. Enquanto na carne não processada a participação paulista recuou de 68,4% em 2004 para apenas 39,9% em 2006, na carne bovina processada, o percentual apresentou ligeira elevação, indo de 71,7% em 2004 para 72,6% em 2006 (**GONÇALVES & GHOBRIEL, 2007**). Isso revela mais uma face diferenciadora entre uma agricultura agroindustrial-exportadora como a paulista e outra primário-exportadora praticada no restante do Brasil. O desempenho exportador da agricultura, verificado da ótica dos grupos de mercadorias cotejados com o recorte regional, configura uma realidade de desconcentração produtiva com a perda progressiva da participação paulista em determinados segmentos ao mesmo tempo em que se consolida a liderança estadual em outros.

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural**Tabela 4. Participação Paulista nas Exportações da Agricultura Brasileira, por Grupo de Mercadorias, 1997 a 2007.**

(em %)

<b>Grupo de Mercadorias</b>	<b>1.997</b>	<b>1.998</b>	<b>1.999</b>	<b>2.000</b>	<b>2.001</b>	<b>2.002</b>	<b>2.003</b>	<b>2.004</b>	<b>2.005</b>	<b>2.006</b>	<b>2.007</b>
cana e sacarídeas	56,44	62,51	69,72	63,91	66,64	68,72	65,52	67,97	68,91	72,40	69,14
Frutas	75,32	79,50	76,87	71,13	72,63	71,58	69,78	63,52	61,14	65,76	68,52
flores e ornamentais	69,23	64,29	66,67	69,23	66,67	75,00	71,43	70,37	70,00	67,65	66,75
agronegócios especiais	50,08	45,35	41,93	33,69	36,98	48,39	49,84	49,45	49,14	46,12	40,87
bovídeos - bovinos	23,87	25,82	28,81	29,15	29,73	34,66	38,98	44,28	41,31	35,75	34,93
bens de capital / insumos	47,30	47,14	50,14	51,50	44,11	40,09	37,03	35,52	38,58	40,86	31,97
produtos florestais	26,42	27,06	23,96	21,33	21,84	19,31	19,27	17,06	18,82	18,94	19,12
Têxteis	30,81	27,83	28,69	25,47	25,60	26,08	24,10	21,02	18,60	19,18	18,03
café e estimulantes	20,79	15,13	17,45	17,78	15,03	13,22	13,92	16,65	15,92	15,09	13,99
Olerícolas	18,81	17,46	16,99	16,79	17,46	17,70	14,29	14,73	13,18	13,01	13,42
suínos e aves	1,62	1,42	1,93	2,27	1,91	2,50	3,76	5,08	5,96	4,96	6,02
cereais/leg./oleaginosas	9,07	8,03	9,54	8,50	7,71	7,44	5,32	7,53	6,19	5,76	5,06
Pescado	5,38	6,35	4,96	2,90	3,14	2,60	2,84	3,49	5,41	4,83	4,07
Fumo	9,73	6,61	1,04	0,59	0,21	0,20	0,28	0,49	0,47	0,17	0,11
<b>AGRICULTURA</b>	<b>25,48</b>	<b>26,92</b>	<b>28,65</b>	<b>25,07</b>	<b>24,78</b>	<b>25,08</b>	<b>23,64</b>	<b>24,19</b>	<b>25,38</b>	<b>28,34</b>	<b>25,05</b>

**Fonte: IEA/APTA/SAA-SP, a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC**



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



Numa leitura estrutural desse processo há que se destacar que nas agroindústrias com elevada integração vertical como a da cana e da laranja, firma-se a liderança paulista, uma vez que a redução da participação estadual no grupo de frutas está associada à maior proporção da venda de frutas frescas como a maçã catarinense, mamão capixaba, uva nordestina e banana potiguar. Nesse sentido a especialização regional como marca do padrão agrário da 2ª Revolução Industrial, não apenas conforma agropecuária territorial especializada em cada região, como induz ao deslocamento da agroindústria processadora produtora de bens intermediários.

### **3. EXPORTAÇÕES DAS EMPRESAS PAULISTAS SÃO MAIORES QUE AS EXPORTAÇÕES ESTADUAIS**

A verificação das diferenças estruturais entre a agricultura paulista e a praticada nas demais unidades da federação brasileira, não pode ser restrita à análise dos resultados monetários da produção física. Numa economia globalizada inserida na lógica do mercado financeiro há que se inserir nesse contexto as diferenças derivadas da estrutura de agrosserviços setoriais, mais propriamente os transacionais e financeiros. Sem uma consistente compreensão do imbricamento das lógicas da produção física com a financeira e transacional, se compreende muito pouco do real significado da agricultura paulista no contexto nacional. Isso porque, se o sentido que se quer dar representa a idéia de agronegócios, só faz sentido pensar a agricultura dentro da lógica do capitalismo financeiro. E o capital financeiro está sediado em São Paulo onde se localizam as bolsas e as principais operações dos grandes bancos, além dos agrosserviços de exportação.

Há imensa dificuldade estatística de se mensurar a magnitude desse fato uma vez que as bases dos levantamentos disponíveis não contemplam essa perspectiva. Entretanto, há como se obter indicações que sustentam essa hipótese de forma consistente. Uma delas está em trabalhar com os dados de exportação oficiais tanto na ótica da totalização por domicílio fiscal das empresas exportadoras como da visão da origem da produção da mercadoria vendida. Do ponto de vista do domicílio fiscal identifica-se o total das exportações das empresas com tal localização e quando se avalia as mesmas exportações a partir da origem do produto têm-se a mensuração das vendas a partir da última operação de processamento físico dessa mercadoria. Essas estatísticas para a agricultura paulista chegam a intrigantes resultados de distinção entre origem produtiva e domicílio fiscal.

Isso ocorre também entre as regiões dentro do território paulista. Agregando-se os valores das exportações dos municípios paulistas, segundo as regiões agrícolas definida pela área de abrangência dos Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDRs), da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, verifica-se que o EDR de São Paulo atua como a principal região exportadora paulista, com US\$22,1 bilhões, e 39,3% de participação no total estadual. Isso também ocorre para os produtos da agricultura, cujas vendas externas somam US\$6,9 bilhões com 38,1% de participação no total setorial paulista, além de variação positiva de 6,5% em comparação com o ano de 2006. A representatividade da agricultura no total exportado pelas empresas localizadas no EDR é de 31,4%, o que configura as regiões metropolitanas da Capital e da Baixada Santista como as mais

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

relevantes para as exportações setoriais paulistas (**ANGELO; GONÇALVES & PINATTI, 2008**).

Esses indicadores para a agricultura paulista deixam nítido o descompasso entre a localização territorial da base produtiva e do domicílio fiscal das empresas exportadoras. Ora, a região metropolitana da capital exporta expressivos 38,1% do transacionado pela agricultura estadual e de longe não consiste na base territorial de compatível produção local. E mais, como imaginar que 31,4% das exportações metropolitanas sejam oriundas da agricultura? A explicação está em que os agrosserviços transacionais e financeiros que correspondem ao essencial na determinação dos custos de transação das vendas externas setoriais pelo efeito escala obtido, localizam-se na região metropolitana da Capital. E quase nunca isso tem sido objeto de nem sempre isso tem sido considerado nas políticas públicas setoriais, conquanto agricultura no sentido amplo que quer se dar de agronegócios só faz sentido se pensada enquanto estrutura industrializada e inserida na lógica do capital financeiro e não apenas no estrito e estreito desenho ruralista do desenho setorial.

Se isso ocorre dentro do território paulista, também acontece quando se pensa a inserção do Estado de São Paulo no Brasil. Ainda que do lado da base produtiva possa haver na agricultura paulista a contabilização de produtos cuja origem possa estar em outras unidades da federação face à magnitude da transformação operada nesses locais, mais verdade ainda é que, por razões fiscais e sanitárias há uma imensa gama de negócios de exportação operados por empresas da agricultura com domicílio fiscal em território paulista mas que contabilmente são creditadas nos local de origem.

A guerra fiscal centrada em oferta de benefícios fiscais na origem produz um enorme conjunto dessas situações dado que, para se valerem dessas vantagens, em especial nos produtos básicos, as empresas contabilizam nas filiais. No caso sanitário o caso mais recente consiste no embargo de diversas nações de importações de carne bovina oriunda do território paulista em razão da detecção do foco de febre aftosa em Mato Grosso do Sul. As exportações brasileiras de carne bovina continuaram seguindo movimento ascendente conquanto após a detecção do foco de febre aftosa em Mato Grosso do Sul, a proporção dos embarques pelo Porto de Santos cresceu de 63,2% para 80,5% em valor e de 47,4% para 78,0% em peso. Enquanto isso, as participações das exportações paulistas de carne bovina resfriada e congelada (parcela majoritária da carne bovina não-processada) recuaram de 67,1% para 30,7% em valor e de 66,9% para 33,3% em peso. Noutras palavras, as exportações continuaram sendo feitas por São Paulo mas não são mais paulistas (**GONÇALVES & GHOBRIEL, 2007**).

Dessa maneira, as exportações operadas por empresas paulistas são muito maiores que aquelas contabilizadas como exportações paulistas. Essa hipótese se comprova quando se comparam as vendas externas estaduais da ótica do valor transacionado pelas empresas com domicílio fiscal em São Paulo com o das transações com exterior da produção paulista. No período 2005-2007 as operações das empresas foram sempre maiores que as da produção, com diferenças crescentes de US\$ 3,39 bilhões em 2005 para US\$ 4,48 bilhões em 2007. Em termos percentuais em relação à produção paulista isso correspondeu a 8,92% e 8,65% para os mesmos anos (**Tabela 6**). Essas diferenças são expressivas quando consideradas no contexto nacional, indicando uma consistente malha de articulação capitalista que, a partir do centro financeiro e de

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

serviços transacionais paulistano, opera negócios de distintas origens dentro do território brasileiro.

**Tabela 5. Diferenças das Receitas Totais das Exportações das Empresas Domiciliadas em São Paulo em Relação às Exportações Oriundas do Estado, São Paulo, 2005 a 2007.**

(em US\$ 1.000)

Ano	Exportações		Diferenças	
	Empresas	Produção	Valor	%
2005	41.398.225	38.007.693	3.390.532	8,92
2006	50.328.424	46.146.926	4.181.498	9,06
2007	56.211.491	51.734.203	4.477.288	8,65

Fonte: IEA/APTA/SAA-SP, a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC

Na agricultura, enquanto atividade diretamente associada à ocupação do espaço territorial, essas diferenças se mostram ainda mais perceptíveis e crescentes. No período 2005-2007, os valores exportados pelas empresas paulistas cresceram de US\$ 12,67 bilhões para US\$ 18,23 bilhões (+43,93%), enquanto que as exportações da produção paulista aumentaram de US\$ 11,75 bilhões para US\$ 15,49 bilhões (+31,85%). Com isso as diferenças elevaram-se de US\$ 0,92 bilhão para US\$ 2,74 bilhões. Em percentuais da produção, as empresas paulistas que exportavam 7,80% mais que a produção estadual em 2005, no ano de 2007 elas passaram a vender 17,68%, ou seja, ampliando sua inserção com operações fora do território estadual. (Tabela 6). Fica nítido assim que, na agricultura essa inserção nacional das estruturas de agrosserviços financeiros e transacionais não apenas se mostram relevantes como crescentes, não podendo deixar de ser aquilitados sua relevância na análise da dinâmica da agricultura estadual e, notadamente para o desenho de políticas públicas setoriais, uma vez que o desenho estrutural setorial ao assumir a característica de elevada transformação agroindustrial e inserção financeira, rompe com a velha concepção de agricultura como produção rural, viés ainda presente nas percepções e posições ruralistas da dinâmica setorial.

**Tabela 6. Diferenças das Receitas das Exportações da Agricultura das Empresas Domiciliadas em São Paulo em Relação às Exportações Oriundas do Estado, São Paulo, 2005 a 2007.**

(em US\$ 1.000)

Ano	Exportações		Diferenças	
	Empresas	Produção	Valor	%
2005	12.666.052	11.749.516	916.536	7,80
2006	16.321.954	14.750.120	1.571.834	10,66
2007	18.229.903	15.491.531	2.738.372	17,68

Fonte: IEA/APTA/SAA-SP, a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC

Essa nova face da agricultura paulista acrescenta outro elemento diferenciador que deve ser considerado como fundamental para o entendimento do processo de desconcentração setorial na busca de entender a inserção da agricultura paulista na nacional. Isso porque, além de agroindustrial-exportadora, essa agricultura articula-se no plano nacional por um emaranhado de teias de agronegócios que produzem uma enorme distinção entre a desconcentração produtiva, entendida como aquela da base



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



física onde se realiza a produção, e desconcentração econômica, caracterizada com a consideração dos agrosserviços financeiros e tradicionais que se mantêm centralizados em São Paulo. Assim, mais uma vez não há como se pensar a agricultura brasileira sem pensar a paulista e sua inserção nesse movimento de transformação mais amplo.

## 9. Á GUIA DE CONCLUSÃO

A especialização produtiva conforma especificidades fundamentais para a compreensão da dinâmica da agricultura brasileira na medida em que conforma agriculturas regionais com peculiaridades próprias face ao grupo de mercadorias predominante. Tomando os grupos mais relevantes em cada realidade analisada tem-se a cana e sacarídeos dominando as exportações paulistas, em função da produção e venda externa de açúcar e álcool. Nas demais unidades da federação, o grupo de mercadorias predominante consiste nos cereais/oleaginosas/leguminosas no que se destaca a soja e o milho.

Apenas esses elementos já seriam suficientes para caracterizar realidades distintas e que, nas últimas safras estão tendo comportamento inverso no que diz respeito aos preços internacionais. Nas safras 2004/2005 a 2006/2007 os preços da soja estiveram baixos no mercado internacional e, com a progressiva valorização da moeda brasileira, desencadeou-se uma séria crise que, de forma indevida, foi confundida como uma crise crônica da própria agricultura brasileira, sendo que o endividamento setorial multiplicou-se de forma expressiva, dando espaço a renegociações que ainda hoje estão em curso face à magnitude do montante de débitos setoriais não saldados (GONÇALVES, 2006).

Pois bem, na verdade nessas safras não havia uma crise da agricultura brasileira, mas uma crise dos complexos das lavouras de grãos e fibras, uma vez em tendo os preços do açúcar no mercado internacional dobrado, no caso da agricultura paulista não havia sequer um indício de crise dadas receitas crescentes das exportações setoriais (GONÇALVES, 2006). Essa euforia canavieira prolonga-se pela safra 2006/2007, ampliada pelo fato de que a escalada altista os preços do petróleo no mercado internacional fez surgir um intenso movimento convergente no sentido da opção pelo álcool combustível, envolvendo produtores, ambientalistas e consumidores, além de governos estaduais e federal.

Nesses anos passados muito próximos, enquanto nos campos de soja e algodão multiplicavam-se protestos e pressões para decisões de políticas de socorro, nos campos paulistas multiplicavam-se canaviais e decisões de instalação de mais unidades agroindustriais. Entretanto, conquanto a mídia tenha dado destaque para a crise da agricultura dando espaço para as “lideranças dos agronegócios”, não se pode falar em crise setorial, pois outro segmento relevante tinha perspectivas altamente favoráveis.

Agora na safra 2007/2008 verifica-se um cenário que se mostra exatamente o oposto. Não que a questão do endividamento rural tenha sido equacionada, dado que foi apenas postergada em termos de vencimentos ainda que com custos para o erário público. Mas porque os preços internacionais da soja e do milho, em função da demanda chinesa por soja e da decisão norte-americana de produzir etanol de milho,



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



sofreram vertiginosa, ao mesmo tempo em que os preços do açúcar despencaram no mercado mundial e as perspectivas de exportação de álcool ainda não se concretizaram.

Mais que as exportações de açúcar e álcool recuarem e as de soja e milho aumentarem (GONÇALVES; VICENTE & SOUZA, 2008), os preços internos acompanharam os preços internacionais com aumento para soja e milho e queda para a cana em termos de preços recebidos pelos agropecuaristas (PINATTI et al, 2008). Assim, tem-se neste momento da safra 2007/2008, uma realidade econômica inversa, onde se ampliam os plantios de soja e milho e, parcela da cana plantada não foi colhida e processada.

A questão também relevante que tais “crises” se dão em espaços regionais diferentes dentro da agropecuária brasileira, uma nas demais unidades da federação com destaque para os cerrados e a outra em território paulista. Mais que isso, na verdade os perfis empresariais e estruturais das agriculturas envolvidas são muito distintos dado que enquanto nos grãos e fibras a predominância é de produtores rurais que dão vazão às suas teses nos movimentos “ruralistas”, na cana pela elevada proporção da cana própria das usinas se tem empresários agroindustriais cuja representação se dá nas federações e confederações das industriais.

De outra ótica, nos grãos e fibras a relação predominante é entre o capital agrário com o capital comercial, ainda que estejam presentes interesses das agroindústrias de bens de capital e insumos para agricultura que financiou as safras mediante os vários mecanismos de venda antecipada. Já na cana o capital predominante consiste no capital industrial na sua estreita relação com o capital financeiro. Em síntese, dadas as especificidades encontradas apenas quando se compara os dois grupos de produtos mais importantes das exportações das agriculturas das demais unidades da federação e da paulista, o que se demonstra é que não há apenas uma única agropecuária brasileira, dada a imensa distância estrutural entre as várias situações encontráveis nas agropecuárias regionais especializadas.

A existência de um elo que articula essas várias agriculturas regionais exige que sejam avaliados os agrosserviços transacionais e financeiros. E essa articulação nacional é exercida a partir do sistema financeiro e transacional paulista. Tanto assim que, em percentuais da produção, as empresas paulistas que exportavam 7,80% mais que a produção estadual em 2005, no ano de 2007 elas passaram a vender 17,68%, ou seja, ampliando sua inserção com operações fora do território estadual.

Fica nítido assim que, na agricultura essa inserção nacional das estruturas de agrosserviços financeiros e transacionais não apenas se mostram relevantes como crescentes, não podendo deixar de ser aquilitados sua relevância na análise da dinâmica da agricultura estadual e, notadamente para o desenho de políticas públicas setoriais, uma vez que o desenho estrutural setorial ao assumir a característica de elevada transformação agroindustrial e inserção financeira, rompe com a velha concepção de agricultura como produção rural, viés ainda presente nas percepções e posições ruralistas da dinâmica setorial. A complexidade de toda essa dinâmica exige que as peculiaridades das agriculturas regionais sejam compreendidas dentro da lógica mais ampla do capital financeiro, já definido como a forma mais elevada e abstrata de capital (HILFERDING, 1983).



**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

## BIBLIOGRAFIA

ANGELO, José Alberto, GONÇALVES, José S. & PINATTI, Eder distribuição e representatividade das exportações regionais dos agronegócios no Estado de São Paulo em 2007. IEA- APTA, São Paulo, fevereiro de 2008. (publicado na Homepage <http://www.iea.sp.gov.br>).

CANO, Wilson. A Industrialização e o Desenvolvimento do Capitalismo Retardatário no Brasil (1880-1980) In: \_\_\_\_\_. Reflexões Sobre o Brasil e a Nova (Des)ordem Internacional, Campinas, Hucitec, 1993, p.15-21.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo, Nacional, 1989. 291p.

GONÇALVES, José S. Dinâmica da agropecuária paulista no contexto das transformações da sua agricultura. **Revista Informações Econômicas** 35 (12):65-98, 2005 a.

GONÇALVES, José S. Agricultura sob a égide do capital financeiro: passo rumo ao aprofundamento do desenvolvimento dos agronegócios. **Revista Informações Econômicas** 35 (4):7-36, 2005 b.

GONÇALVES, José S. Crise agrícola: dimensão estrutural e uma proposta de política em três pilares. IEA-APTA, São Paulo, maio de 2006. (publicado na Homepage <http://www.iea.sp.gov.br>).

GONÇALVES, José Sidnei et al. Composição de culturas e ocupação do espaço na agropecuária paulista de 1969-1971 a 2002-2004. **ANAIS DO XLIV CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**, realizado em Fortaleza (CE), de 23 a 27/07/2006, pela Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural (SOBER) (Resumos e integra em CD) (disponibilizado na íntegra em [www.iea.sp.gov.br](http://www.iea.sp.gov.br)).

GONÇALVES, José S. & GHOBRIEL, Carlos N. Febre aftosa em estados vizinhos: sp perde nas exportações por falha alheia. IEA- APTA. São Paulo, março de 2007. (publicado na Homepage <http://www.iea.sp.gov.br>).

GONÇALVES, José S. & VICENTE, José R.; SOUZA, Sueli Alves Moreira Balança comercial dos agronegócios paulista e brasileiro no ano de 2007. IEA- APTA, São Paulo, janeiro de 2008. (publicado na Homepage <http://www.iea.sp.gov.br>).

HILFERDING, R. **O capital financeiro**. Nova Cultural, São Paulo, 1985. 346p.

OJIMA, Andréa Leda Ramos de Oliveira & GONÇALVES, José S. Avaliação do desempenho do valor da produção da agropecuária paulista, período 1995-2004. **Revista Informações Econômicas** 36 (7): 62-75, 2006.



**SOBER**

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural



PASTORE, José et al. Condicionantes da produtividade da pesquisa agrícola no Brasil **Estudos Econômicos** 6 (3): 147-181, 1986.

PINATTI, Eder et al. Preços da agropecuária paulista acumulam alta de 9,15% em 2007. IEA- APTA. São Paulo, janeiro de 2008. (publicado na Homepage <http://www.iea.sp.gov.br>)

STADUTO, J.A R.; SIKIDA, P. F. A & BACHA, C.J.C. Alteração na composição da mão-de-obra assalariada na agropecuária brasileira. **Agricultura em São Paulo** 51(2):57-70, 2004.

VICENTE, José R. et al " **Sistema de Importações e Exportações dos Agronegócios (Sistema IEA): conceituação e análise dos resultados, 1997-2001**", APTA/SAA, São Paulo (SP), 2001. 356 p. (Série Ação **apta** 5).